

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

“ALÉM DO LATIFÚNDIO”: UMA CONTRIBUIÇÃO CRÍTICA AOS ESTUDOS DO REGIONALISMO GAÚCHO

Orlando Albani de Carvalho
Boletim Gaúcho de Geografia, 28, n.1: 153-155, jan., 2002.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/40057/26272>

Publicado por
Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jan, 2002

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

“Além do latifúndio”: uma contribuição crítica aos estudos do regionalismo gaúcho

Orlando Albani de Carvalho*

O livro “ALÉM DO LATIFÚNDIO: GEOGRAFIA DO INTERESSE ECONÔMICO GAÚCHO” (Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.1ªed. [212 páginas]), de ÁLVARO LUIZ HEIDRICH, é uma leitura de referência para o entendimento da regionalização, do regionalismo e da regionalidade no Rio Grande do Sul.

Além do latifúndio transita por temas como espaço, território, estado, nação, identidade, região, regionalidade, regionalismo, regionalização, campo, cidade, política, cultura, economia, poder e discurso, – relacionando-os à explicação das especificidades (*particularidades*) da questão regional no Rio Grande do Sul – aspecto que o faz de interesse para graduandos e pós-graduandos em Geografia, bem como para profissionais ou estudantes de outras áreas científicas (Economia, Política, História). O autor, neste sentido, faz uso de diversos referenciais teóricos, ora no âmbito da ciência geográfica, ora no de outras ciências, dando ao livro um caráter multi e interdisciplinar.

O primeiro capítulo trata do referencial teórico-conceitual. Seu objetivo,

“consiste essencialmente em responder à questão da existência de um interesse comum ou geral à determinada sociedade. Como esse interesse difunde-se pelo território como meio de um domínio, é com os conceitos e categorias relativos à concepção de espaço, território e região que se inicia a explicação.” (p.18)

O autor considera que a análise do espaço, quanto à sua organização e diferenciação, inicia pela *humanização do espaço* e pela sua *apropriação como território*. “A demarcação de territórios tem por fim impor o domínio humano

* Licenciado em Geografia. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRGS e bolsista da CAPES. E-mail: orlandodecarvalho@globocom.

(civilizatório) sobre a existência em geral (...)” (p.24-25) e disto – em uma etapa bastante posterior – resulta o Estado – *uma organização do poder voltada ao domínio do território* (p.31) – e o regionalismo (como uma *particularidade* – de poder político, de poder social e de interesses – dentro Estado).

No capítulo seguinte HEIDRICH demonstra “*as origens e as modificações apresentadas pelo vínculo existente entre domínio territorial e o interesse econômico.*” (p.18) O autor discorre sobre a constituição de territórios de domínio oligárquico desde o período imperial até o recente, chegando à particularidade gaúcha, analisando a questão de uma perspectiva tanto política quanto econômica e distinguindo, ao seu final, três segmentos – ou núcleos de *interesse* – fundamentais no Rio grande do Sul: o estancieiro, o agrícola e o industrial. Estes se relacionam e produzem a dinâmica política e econômica gaúcha. O segundo capítulo tem, desta forma, centralidade na questão dos vínculos entre domínio territorial e os seus interesses econômicos específicos, ou seja, o *regionalismo*.

O terceiro capítulo, dedica-se à *regionalização* do estado e assim desenvolve uma “*caracterização geográfica do Rio Grande do Sul, enfatizando a sua diferenciação regional (...) interna*” (p.18). Considerando o RS a partir de *três regiões socioeconômicas* – a *sul*, associada à campanha, onde predomina a atividade pastoril e a concentração da propriedade fundiária; a *norte*, associada ao planalto setentrional, de base agrícola; e a *nordeste*, que se define pelo perfil urbano-industrial e é composta basicamente pela região metropolitana de Porto Alegre e o eixo até Caxias do Sul –, o autor apresenta um perfil da evolução agropecuária e industrial gaúcha em seus três distintos núcleos de *interesse econômico*.

A construção da identidade gaúcha é o assunto do capítulo seguinte, que trata da *regionalidade*. Para HEIDRICH, “*o Brasil caracteriza-se por ser uma nação em que as regiões e o regionalismo têm demarcado profundamente sua história política*” (p.127), em função dos enfrentamentos entre os regionalismos gaúcho, paulista, mineiro e nordestino, em suas relações com o poder central.

Inicialmente a dimensão política da construção da nacionalidade brasileira conflituou-se com os interesses econômicos regionais, resultando em dificuldades na produção de um pacto social que “*fundamentasse a vida no país*”(p.128). Mas no período do Estado Novo, contudo, a heterogeneidade geográfica passa a “*configurar como um atributo de nossa nacionalidade*”. Durante este período, quando houve “*nítida intenção de parte do poder central em consolidar o sentimento de nacionalidade não houve (...) oposição à manifestação cultural de cada região*”, contudo, o regionalismo era combatido quando este figurava como “*exacerbação dos vínculos afetivos para com a realidade local*” (p.129).

Assim, a construção das identidades regionais coexistiu com a produção de um ideário nacional e a “*afirmação da regionalidade (...) se constrói pela cap-*

tura de peculiaridades" (p.134). Neste sentido, *cria-se*¹ (de fato o título que HEIDRICH dá a este capítulo é "A construção da identidade gaúcha") um personagem: o *gaúcho*. A ele associa-se uma paisagem – o campo aberto, a coxilha, o pampa –, um vestuário e um modo de vida ligado à pecuária, de conduta bravia, mas, simultaneamente a este sentido de particularidade regional, também se reforça o pertencimento à nação brasileira. Tem-se assim um processo que, ao mesmo tempo reforça a *identidade brasileira do gaúcho* e demarca seus interesses regionais específicos.

No capítulo final, "*Argumento de interesse econômico e expressão regionalista*", o autor faz referencia aos argumentos de interesse econômico no estado – agropecuários, econômico-industrial e comercial. Estes, todos, têm expressão territorial, contudo não se desconsidera a aglutinação destes *argumentos de interesse setoriais* com vistas a um interesse comum. Através da análise de publicações de entidades de classe, jornais e dados estatísticos eleitorais, HEIDRICH busca capturar a expressão – pelos discursos e pelas manifestações eleitorais – das propriedades do regionalismo gaúcho.

Assim, como nossa forma de conclusão, quem procurar em um simples dicionário de língua portuguesa pela palavra "explicar" – então, do latim, *explicare* – encontrará, como definição possível, que se trata do ato de tornar inteligível o que se apresenta de forma ambígua ou obscura. Um pequeno estudo etimológico desta palavra, no entanto, é mais revelador de seu sentido: em latim *plica* significa "dobra", assim, *ex-plicare* significa *des-dobrar*².

A *explicação* se faz, então, pelo *desdobramento de um tema*, tornando-o inteligível. Se for impossível proceder a abertura de *todas as dobras* da realidade – e isto é verdade também em relação a este nosso trabalho –, sempre é possível desfazer algumas, o que com certeza demanda muitos anos de dedicação, leitura, estudos e um apurado sentido de análise e crítica, como se percebe em "*Além do Latifúndio (...)*". A obra, de relevância para o entendimento da questão regional sulina – esclarecedora de conceitos tão complexos e debatidos como regionalismo, regionalidade e regionalização na especificidade gaúcha (através de uma perspectiva crítica e geográfica) – no seu final, ao mesmo tempo em que nos oferece subsídios para a compreensão e o estudo da *região*, deixa-nos a pensar: quantas (e quais) são, ainda, as *dobras* por desfazer?

¹ Fazendo uma observação particular – com referencia a esta perspectiva da identidade enquanto *coisa construída* – por exemplo, discursivamente – consideramos que não é destituído de sentido pensar que se é correto falar em memória, também é certo falar em *amnésia*: esquecer o que desagrega – ou produzir o seu esquecimento – é tão importante quanto lembrar aquilo que une.

² CIRNE-LIMA, Carlos Roberto. Dialética para principiantes. – São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2002, p.83.